

O APELO AO SAGRADO: A RELIGIOSIDADE DE UM POVO NA MÚSICA DE LUIZ GONZAGA¹

Elane Cristina do Amaral²
Erica da Silva Lins³
Janielly Souza dos Santos⁴
Rômulo Leite Amorim⁵
José Flôr de Medeiros Júnior (orientador)⁶

O homem ao lidar com problemas que ele não consegue resolver e que lhe causa sofrimento busca de forma desesperada as soluções para seus dilemas que poderão ser solucionadas pelo místico, que ele considera divino, por meio de milagres trará a solução inesperada e a tranqüilidade ao indivíduo.

Verificamos que o homem incorpora a religião a sua vida, a sua cultura, na qual não há como separar a religiosidade do cotidiano, das formas de se alimentar, beber, construir moradia, da busca pela cura, na afetividade, na família, na economia, na política, no lazer enfim na maneira como celebrar as festas, sejam para comemorar datas religiosas através de espaços que, muitas vezes, são profanos, as festas populares em homenagem a aspectos da religiosidade popular se misturam e se congregam no Nordeste.

No Brasil a religiosidade do seu povo tem uma longa e forte interação com a fé católica que pode ser verificada a partir de realidades concretas, como exemplo são os feriados católicos no calendário oficial do país, na qual se demonstra a relação com o sagrado que foi se desenvolvendo ao longo do tempo, onde se percebe a clara e distinta existência de uma religiosidade popular integrada à religião propriamente dita. Situação que se mostra através das romarias ao Juazeiro do Norte, a primeira está ligada aos dogmas e preceitos filosóficos e teológicos verdadeiros que não admite distorções sobre o que foi convencionado para estes cristãos como verdadeiro, absoluto, já a segunda não possui uma complexa estrutura de estabelecimento de verdades, de dogmas, mas que respeita e acolhe as verdades estabelecidas pela religiosidade oficial, contudo resignificando estas complexas verdades de acordo com suas necessidades diárias.

A religiosidade contribui para que seja construído na sociedade um forte laço entre os indivíduos, que estruturaram uma cultura aparentemente harmônica, na qual deverá existir uma diversidade de demonstrações que visem à unidade em torno de um ser divino.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História Cultural", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduanda em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. enale13@yahoo.com.br

³ Graduanda em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. ericallins@hotmail.com

⁴ Graduanda em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. janiellysouza@yahoo.com.br

⁵ Graduando em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. amorimromulo@hotmail.com

⁶ Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. juniorf@terra.com.br

No Brasil, a religiosidade estruturou-se com auxílio da linguagem, já que o catolicismo aqui implantado se configurou a partir da tradição oral de origem européia, principalmente a tradição portuguesa. Através da linguagem expressões religiosas foram ao longo do tempo sendo resignificadas. Propiciando a sua permanência em meio à cultura popular. No século XX, locus de nossa discussão, percebemos a religiosidade nordestina através das músicas cantadas por Luiz Lua Gonzaga, que se tornou: “A voz, a safona, o ritmo, o gênio de Gonzaga soavam através de ruas, enchiam o espaço, ritmavam o dia-a-dia dos nordestino”⁷.

–Esta linguagem religiosa e musical adotada para transmitir a fé, a cultura de um povo e que une indivíduos, atinge de maneira mais intensa os indivíduos que estão longe de seus lugares de origem, que procuram estabelecer nos locais no quais estão habitando festas e rituais, que os aproxime de sua terra natal mantendo unida uma relação da nova forma de viver com sua identidade, migrantes que muitas vezes foram expulsos do campo, pela natureza, ou seja, saíram por causa da seca ou foram expulsos pela crescente mecanização dos campos, que deixaram seu lugar de forma violenta e que ao chegar nas grandes cidades do Sul do Brasil, sofreram com a falta de emprego e pela violência psicológica por pertencer a uma terra de pessoas possuidoras de uma cultura inferior, atrasada, sem desenvolvimento, como o nordeste era considerado no passado, mas que ainda hoje persistia em aparecer alguns lampejos de sulistas preconceituosos.

Desta forma, percebemos que a religiosidade de um povo, não pode ser separada: pondo de um lado sua vida particular e do outro o mundo. Não há como separar a alma do corpo, pois tornaria o homem um ser sem sentido, conforme no passado o catolicismo quis fazer ao separar o homem do prazer.

Luiz Gonzaga, nascido em uma família de tradição cristã e com raízes musicais, reflete a religiosidade de seu povo, demonstra sua ligação com a religião, com a fé.

Conforme o costume do povo sertanejo, religioso que é, os nomes das pessoas que nasciam eram escolhidas pelo Cânon dos Santos, ou seja, o nome do indivíduo era colocado de acordo com o santo do dia. Seu nome LUIZ GONZAGA NASCIMENTO reproduz bem esta religiosidade: Luiz por ter nascido no dia de Santa Luzia, Gonzaga, porque o nome completo do santo católico São Luiz era Luiz Gonzaga e Nascimento porque Dezembro é o mês do nascimento de Jesus Cristo, assim “o nordeste de Gonzaga é criado para realimentar a memória do migrante”⁸.

No sertão, festa e felicidade rimam com a música e a dança que tinham seu lugar garantido nas celebrações litúrgicas que ocorriam durante todo o ano, conforme o calendário religioso. Na família de seu “LUA” o divertimento era música, sua mãe Santana era cantadeira de igreja e puxadora-de-reza e seu pai Januário cantador de forró, sob suas influências cinco

⁷ Antônio Torres Montenegro - História Oral e memória: 1996,173.

⁸ Durval M. ALBUQUERQUE JR – A Invenção do Nordeste e outras partes:2001,159.

dos seus nove filhos tornaram-se sanfoneiros profissionais, dentre eles “Lua Gonzaga”. Seu pai Januário dos Santos sustentava a família tocando fole de oito baixo nas festas e nos forrós da região em que habitavam, além de trabalhar na roça ajudando sua mulher Ana Batista de Jesus(Santana) que era a responsável pela roça auxiliada pelos filhos, Além da ligação com o cotidiano, a família de “Lua Gonzaga” reflete o elo que teve com a música, fato que propiciará nas canções cantadas por ele a junção da música popular nordestina com o sagrado, desta maneira, “Gonzaga desenvolve, como estratégia de afirmação do seu trabalho, uma estreita ligação com a igreja no Nordeste, já que era profundamente cristão”⁹. A partir desta temática, Luiz Gonzaga mostra em suas músicas a relação que o sertanejo, mantém com o sagrado, desde o nascimento, pedindo ao céu um parto abençoado, saúde para criança, conforme canta, seu Lua: “é assim mermo, minha fia, aproveite a dô. Chama as muié dessa casa, pra reza a oração de São Raimundo, que esse cristão vem ao mundo nesse instante”¹⁰, perpassando pelos hábitos do dia-a-dia quando o sertanejo encontra outra pessoa e a cumprimenta, “Qual o quê, aquelas hora no sertão, meu fi, só responde as gente dé o prefixo: Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Para sempre seja Deus louvado”¹¹! até o fim de suas vidas, resignificando a relação com o sagrado, que apesar da ligação com a religião oficial acaba se transformando, com base nas suas necessidades, especialmente quando esta necessidade esta diretamente ligada a sua sobrevivência, como a falta de água, causada pela famigerada seca, desta forma,

“representações de caráter universal, onde o ser próprio, porém, encontra-se em um movimento e em relação permanente com determinações específicas, onde a própria razão de ser se define por algo particular é próprio de aspectos específicos da formação social sem, no entanto, perder seu elo, sua relação com planos gerais/universais”¹².

Ao criar um estilo musical próprio o Baião, “Lua Gonzaga” passa a representar a identidade regional que se entrelaça com a identidade cristã que penetrará no inconsciente dos indivíduos resgatando no seu intimo fatos que ocorreram em suas vidas, colocando nas músicas a expressão de fé do nordestino resignado e devoto que em meio ao sofrimento causado pela seca coloca sua esperança em Deus, na Virgem Maria, nos santos, Pe. Cícero, desta maneira,

“Meu padim Padre Ciço
Foi pro céu vendo povo sem sorte
Ao Senhor, foi pedir
Proteção pros romeiro do Norte,

Peço a Deus vida e saúde

⁹ Durval M. ALBUQUERQUE JR – A Invenção do Nordeste e outras partes:2001,155.

¹⁰ Luiz Gonzaga -Samarica Parteira

¹¹ Luiz Gonzaga -Samarica Parteira

¹² Antônio Torres Montenegro - Historia Oral e memória: 2001,10.

Pra família podê sustenta
 Seu moço, o documento
 Que eu tenho pra mostra
 São essas mão calejada
 E vontade de travaia¹³.

Além destas músicas que estão relacionadas diretamente com o sagrado, há músicas que exaltavam a igreja católica através da figura do pontífice romano demonstrando a necessidade de redenção da região Nordeste, de acordo com a visão cristã do salvacionismo pelo qual estava impregnado, conforme cantava:

“Ao velhinho lá de Roma
 Ao bondoso Papa João
 Vinte e três de santidade
 Oitenta de coração

Da Igreja, Mãe e Mestra
 Com a sua própria mão
 E alegrou todo universo
 No esplendor da união¹⁴.

“Lua Gonzaga” assume a identidade de “Voz do Nordeste” que quer fazer sua realidade chegar ao sul e ao governo. Sua música quer tornar o nordeste conhecido em todo o país, chamando atenção para seus problemas, despertando o interesse por suas tradições e cantando suas coisas positivas. Sendo marcada por uma dinâmica recheada de significados, e ressignificações, a religiosidade de um povo aparece de maneira mais exarcebada quando este procura suprir suas necessidades espirituais ou materiais, que expressa sua fé a partir de emblemas que demonstra qual a intensidade da sua relação com o sagrado. Com o povo nordestino não foi diferente. Povo marcado pela falta recursos vitais para viver em decorrência das condições naturais que os impede de adquirir sua sobrevivência, fator que contribui de para buscar no sagrado a conquista dos bens que lhe condicionaram a vida, por isso,

“Setembro passou
 Cum outubro e novembro
 Já tamo em dezembro
 Meu Deus, qui é de nós?
 Assim fala o pobre
 Do seco Nordeste
 Cum medo da peste
 Da fome feroz...

Apela pra Março
 Que é mês preferido. Dos santo querido,
 Sinhô São José
 Mais nada de chuva Tá tudo sem jeito
 Lhe foge do peito o resto da fé¹⁵.

¹³ Zé Renato e Manezinho Araújo – Beata Mocinha

¹⁴ Mons. José Mourão e Nertan Macedo – Louvação a João XXIII.

O sofrimento pela falta d' água é uma constante da vida dos nordestinos sertanejos .Ao manter uma estreita ligação com o ser Divino que está em primeiro plano para o sertanejo, ele busca a força para vencer as labutas do dia-a-dia, pedindo proteção, daí seu costume de rezar ao levantar, no tomar o café da manhã, no almoço, no jantar e na hora de dormir. Ao pedir o seu auxílio do ser Divino o sertanejo não espera de forma passiva que só o milagre ocorra para garantir seu pedido ele auxilia de forma indireta o ser Divino preparando a terra para plantação, ao acumular água em reservatórios, agindo de forma ativa o sertanejo espera o auxílio e transforma-o em subsistência e modificando a realidade, apesar da angustiante paisagem do sertão, que faz com que o desanimo e o sofrimento se torne um fardo muito pesado para se carregar sobre os ombros. Assim, quando a chuva cai é o milagre propiciado pelo ser Divino acontecendo, num lugar onde esse acontecimento é tão raro.

“Já faz três noites qui pro norte relampeia
A Asa Branca ouvindo o ronco do trovão Já bateu asas e vortô pro meu sertão
Ai, ai, eu vou m' imhora
Vô cuidar da prantação

A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se "alembrou"
De mandar chuva pra esse sertão sofredô. Sertão das muié séria
Dos home trabaiadô¹⁶”.

Mostra-se, que o sertanejo mantém sua esperança no ser Divino e sua alegria esta na chegada da chuva que lhe trará vida, não só para ele como para toda a terra que necessita deste liquido. Evitando que em ocorra em períodos de grandes secas e dificuldades econômicas , o nordestino migre rumo a cidade grande, em busca de melhores oportunidades de emprego, deixando ou se desfazendo do pouco que tinham em sua região.

Contudo, em sua humildade e ingenuidade o sertanejo nordestino também pedia perdão ao ser Divino pelas que exagerava, no seu pedido, em sua oração ao desejar que a chuva viesse cair na sua região seca daí, ele implora:

“Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar
Oh! Deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol se arretirou
Fazendo cair toda chuva que há”.¹⁷

¹⁵ Patativa do Assaré – A Triste Partida

¹⁶ Luiz Gonzaga e Zé Dantas – A volta da Asa Branca

¹⁷ Gordurinha e Nelinho – Súplica Cearense

Percebe-se que o sertanejo apesar de toda sua devoção e amor ao ser Divino, em momentos de aflição onde a plantação e gado morrem por falta de água, se rebelam contra seu criador, mesmo sem ser de forma consciente, o sofrimento os torna por um segundo questionadores da vontade do ser Divino mesmo que depois sua passividade em aceitar o destino que lhe esta sendo apresentado, volta a sua relação de com o sagrado, assim:

“Quando ôiei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei, ai, pra Deus do céu, ai.
Pruquê que tamanha judiação
Qui braseiro, qui fornáia
Nem um pé de prantação
Pru farta d’água, perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão¹⁸”.

Notamos que nesse trecho, que a figura do Ser Divino parte de modo muito intenso do cotidiano do nordestino não é recorrida apenas para se fazer uma petição ou agradecimento, por exceção ela vai ser alvo de desabafo da angústia vivenciado pelo homem humilde do sertão.

Já na música São João na Roça, nós temos uma outra realidade, pois na medida em que o povo nordestino é muito festivo e esta sempre a comemorar algum acontecimento de grande significado para eles. Os mesmos são também bastante peculiares na questão da sua religiosidade, estão sempre recorrendo ao ser Divino para pedir, agradecer ou comemorar, conforme cantava Gonzagão:

“A fogueira tá queimando
Em homenagem a São João
O forró já começô
Vamos, gente! Rapa pé nesse salão”.¹⁹

e

Ô laiá, vem vê
Ô laiá, vem cá
Vem vê coisa bonita
São João no arraia²⁰”.

Visualizamos nessa música, que a questão das festas fundem-se com o aspecto religioso, não existe uma delimitação entre ambos. Neste contexto sagrado e profano se complementam como uma forma de exaltar de modo alegre e vivo o santo devoto, que é no São João.

¹⁸ Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga – Asa Branca

¹⁹ Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga – Asa Branca

²⁰ Zé Dantas - São João no Arraiá

Em suas músicas, Luiz Gonzaga procurou de modo bem amplo retratar a devoção do povo retratando a figura de vários santos católicos, sabendo que a devoção que os indivíduos tem com determinado santo é uma experiência única de cada um e, portanto subjetiva, nesse contexto:

“Eu vô, vô soltá foguete
 Eu vô, vô soltá balão
 Eu vô festeja São Pedro
 Eu vô festeja São João
 Diz que Santa Isabel
 Disse à prima Maria:
 João vindo ao mundo
 Lhe aviso no dia”²¹.

Nesses trechos fica-nos bem claro que embora São João seja um dos santos mais populares entre os cristãos, os outros também são aclamados e por isso ganham também lugar de destaque nas músicas de Luiz Gonzaga, São João, São Pedro, Santa Isabel cada um tem importância ou significados diferentes no cotidiano dos seus devotos, o importante é salientar é que esta religiosidade apesar de vir de um tronco comum – Cristianismo – ela era ao mesmo tempo muito plural pelo sentido que cada indivíduo emprega a preferência pelo seu santo de devoção.

Mas a questão religiosa do sertanejo vai além da sua devoção ao santo protetor, que sempre que precisar de ajuda recorrerá a ele; se o ser Divino, às vezes tarda a responder, se de imediato o santo não responde a prece, o sertanejo apela para quem esta mais próximo dele e representa o ser Divino na terra – o padre - :

“Quando o jipe lá em cima apontou
 No arraia do meu sertão
 A ruína lá em baixo roncou
 Chegou o padre vai ter procissão
 Seu vigário chegou, muito alegre
 Veio de Brejo da Madre Deus
 Deus lhe pague, seu vigário
 Estão alegres os filhos seus

É de jipe, e de jegue
 Não há transporte que o padre na pegue
 É de jipe, e de jegue
 Não há transporte que o padre não pegue”²².

O que podemos vislumbrar na letra dessa música é que a figura do Padre para o sertanejo é vista como a imagem de um verdadeiro santo, cheio de bondade e compaixão. é como se a religião e a própria figura do sagrado se tornasse mais próxima do devoto. Por isso a chegada do padre em determinado local é comemorada com bastante entusiasmo e alegria.

²¹ Zé Dantas e Luiz Gonzaga - Lendas de São João

²² Pantaleão e Helena Gonzaga – Padre Sertanejo

Toda a dificuldade pela qual o vigário ultrapassa para chegar até seus fiéis, em si, para eles já é um jeito de extrema generosidade e compaixão. Assim, onde as autoridades governamentais somente aparecem em tempo de eleição, o padre se desdobra para chegar até lá, e para os moradores não existirá autoridade mais digna de referência, respeito e admiração do que o padre da cidade, que vem de tão longe ajudar esses esquecidos.

Se no cotidiano do Sertanejo era uma constante agradecer, ou fazer pedido, ao Ser Divino, por outro lado estes fatos aconteciam baseados nas promessas que os devotos tem o costume de fazer como prova de sua fé e de sua devoção, muitas vezes, quanto maior e mais difícil fosse a benção de se alcançar maior era também a promessa ou a penitência para se cumprir. Essa questão de se querer comprovar a fé que se tem ou o agradecimento pelo milagre recebido, tal como em:

“Eu, todos os anos
Setembro, novembro
Vou ao Juazeiro
Alegre e contente
Cantando na frente
Sou mais um romeiro
Vou ver meu Padim
De bucho cheio
De barriga vazia
Ele é o meu pai
Ele é o meu santo
É a minha alegria”²³.

Neste contexto percebemos que o Sertanejo por diversos motivos, ao pedir chuva, a salvação da lavoura, ou um chão para trabalhar, vai se desmanchar em promessas, para que consiga ter seu pedido atendido. O cumprimento dessas promessas ou graças recebidas vão ser comum no seu dia-a-dia. As promessas que eram bastante penosas e árduas era uma forma do devoto demonstrar ao santo que ele era merecedor daquela graça, por isso geralmente se procurava uma promessa bastante difícil com o objetivo implícito de impressionar ao santo, e também as pessoas que ouviram falar na promessa que tal pessoa fez.

O nordestino sertanejo, no qual, é um ser humano muito humilde, habituado a viver com a pobreza, o descaso político e até com a fome. Muitas vezes, ele pode não ter quase nada, o que vestir, o que comer, mas a fé num ser Divino, acolhedor, geralmente guarda consigo. Por isso, sua vida é viver em fazer constantes preces, podemos visualizar esse contexto de devoção e fé que ele expressa ao sagrado, “Padim Ciço” ouviu minha prece. E fez chuvê no meu sertão”²⁴.

²³ Luiz Gonzaga e João Siva – Viva meu Padim

²⁴ Humberto Teixeira - Léguas tirana

É interessante observar que pela extrema pobreza que o sertanejo cantado por Gonzaga está habituado, a maioria de suas preces se relaciona a busca de soluções para o problema da seca. Assim, o desejo de uma terra mais fértil e principalmente a necessidade que se tem por água, são os motivos primordiais de pedidos nas orações desses devotos que só encontram esperanças em um Ser Divino.

Em, Padroeira do Brasil, constata-se o ato de devoção do nordestino com o sagrado, neste enfoque merece destaque a veneração a Nossa Senhora Aparecida tida como uma mãe que esta sempre a olhar por seus filhos com o intuito de ajudá-los. Existe por parte do sertanejo em geral, uma grande admiração e até preferência em venerar a Maria, mãe de Jesus, por isso muitas vezes, eles se remetem a ela pelos mais variados motivos e necessidades e a proteção para a família é um deles,

“Minha Santinha morena
Alegremente te louvo
Protege minha família
Padroeira do meu povo...

Senhora da Aparecida
Com teu manto de anil
Cobre de graças meu povo
Padroeira do Brasil”²⁵.

Além da veneração fervorosa a Maria, os nordestinos sertanejos possuem uma veneração especial, com São José, que os presenteia com a chuva no momento em a plantação esta se desenvolvendo precisando ser regada, daí o sertanejo reconhece que o ano será bom de chuva e propiciará fartura se nos dias que antecedem ou no dia dedicado a este santo a chuva cair no sertão, fazendo seu pedido:

Eu, prantei meu mio todo
No dia de São José
Se me ajuda a providência
Vamos tê mio a grané
Vou colhê, pelos meus cálculos
Vinte espiga em cada pé, ...

Ai, São João, São João do carneirinho
Você é tão bonzinho
Fale com São José
Fale lá com São José
Peça pra ele me ajudá...”²⁶.

Podemos ver também que, por vezes, pelo fato de viverem em condições de grandes necessidades, em situações semelhantes, o nordestino sertanejo, de certa forma, acabam por se unir por laços de solidariedade, á medida em que com o pouco que tem dividem um

²⁵ Luiz Gonzaga e Raimundo Grangeiro – Padroeira do Brasil.

²⁶ Luiz Gonzaga e Guio de Moraes – São João do Carneirinho

com os outros, assim também na hora de suas orações o pedido de ajuda e auxílio é feito em prol de todos, como se ver nas canções, que mesmo na pobreza que os faz migrar pra longe em busca de novos horizontes, faz também que uma vez continuando em sua região, fiquem mais unidos.

Em época de bons invernos, ocorre também a volta da daqueles que migram em busca de sua subsistência, a festa de São João se torna mais bela e alegre quando se tem a mesa farta, segundo o contexto de suas vidas,

Vamo, vamo Joana
 Vamo na carreira
 Vamo pra fogueira
 Festejá meu São João
 Vamo, vamo Joana
 Findou-se o inferno
 Houve bom inverno
 Há fartura no sertão, ai!²⁷.

Verifica-se que apesar de toda dificuldade e desânimo que, às vezes, atinge o sertanejo, sua relação de fé com o sagrado é algo permanente, que pode sofrer alguns abalos, mas não acaba jamais, pois se assim acontecer ele perde a esperança, o rumo de viver a força em lutar, porque tudo isto esta relacionado com sua fé, deste modo, com a chegada do inverno, com chuva e boa colheita, renova-se também a fé do sertanejo, este seu apego com o sagrado é tão forte que em momentos de alegrias ou sofrimento ele realmente tenta se apropriar do santo protetor numa relação de extrema intimidade e identidade espiritual, como podemos vislumbrar isso na parte “Festejar meu São João”.

Cantar, dançar e demonstrar o nordeste da seca foi o objetivo de Luiz Gonzaga, que retrata de forma admirável o sertanejo, em todas as suas situações, que em meio aos desafios enfrentados, como a seca, a falta de auxílio governamental, a constante migração para o Sul em busca de trabalho, a falta de escolaridade, consegue evitar que sua fé, sua religiosidade desapareçam, pelo contrário, o sertanejo aumenta sua crença no ser Divino, que lhe socorre das aflições, e como forma de retribuição passa a todo o instante agradecendo-o, invocando-o, saudando-o, louvando-o, já que tem a certeza de que suas preces irão ser sempre lembradas pelo ser Divino,

“Que ama Nosso Senhor
 E se alimentar do pão
 Que mata a fome de todos
 Até dos sem precisão”²⁸.

²⁷ Zé Dantas e Luiz Gonzaga – Lascando o cano.

²⁸ Mons. José Mourão e Nertan Macedo – Louvação a João XXIII

Ao selecionarmos algumas músicas, e nelas alguns trechos específicos, nosso objetivo foi retratar a realidade da vida do sertanejo relacionada com sua religiosidade e com sua devoção com o sagrado. Neste sentido verificamos que Luiz Gonzaga canta e encontra ao retratar a religiosidade no cotidiano do sertanejo. Por viver numa região com sérios problemas naturais, como qualquer outra região, como a falta de terra fértil, o nordestino sertanejo se volta para o Ser Divino e deposita nele sua fé e esperança de dias melhores, assim a sua questão social, para ele não é relacionada com o descaso político e sim como um destino vindo do Ser Divino. Com esta visão ele aprende a conviver com a fome, a pobreza, como se fossem tribulações mandadas pelo Ser Divino, como forma de prová-lo, ou melhor, testar sua fé. O Ser Nordestino cantado por Gonzaga se confunde, em suas práticas religiosas, com o exercício de sua fé. O Ser Divino não é somente responsável pela existência biológica do Ser Nordestino, é o responsável por sua situação social, pela pobreza.

Contudo, não devemos extremar afirmando que a fé e as práticas religiosas do nordestino são conseqüências ou estão definidas por conta de sua precária condição social, pois a crença e religiosidade de um povo fazem parte de suas raízes culturais, não sendo, portanto possível defini-la por esse ou aquele motivo.

Porém, talvez ao ligar tudo que acontece a sua volta como plano do sagrado, o nordestino consiga um lugar de pertencimento dentro da sociedade, onde em seu pensamento esquecido pelo mundo e lembrado por Deus, que recorre nos momentos difíceis amenizados suas aflições e de agradecer nos momentos de bênçãos.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2.ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

DREYFUS, Dominique. **Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SÁ, Sinval. **Luiz Gonzaga: o sanfoneiro do riacho da Brígida**. Fortaleza: Realce, 2002.

MUSICOGRAFIA

Asa Branca - Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga

A Triste Partida - Patativa do Assaré

A volta da Asa Branca - Luiz Gonzaga e Zé Dantas

Beata Mocinha - Zé Renato e Manezinho Araújo

Lascando o cano - Zé Dantas e Luiz Gonzaga

Légua tirana - Humberto Teixeira

Lendas de São João - Zé Dantas e Luiz Gonzaga

Louvação a João XXIII.- Mons. José Mourão e Nertan Macedo

Padre Sertanejo - Pantaleão e Helena Gonzaga

Padroeira do Brasil - Luiz Gonzaga e Raimundo Grangeiro

Samarica Parteira - Luiz Gonzaga

São João no Arraia - Zé Dantas -

São João do Carneirinho - Luiz Gonzaga e Guio de Moraes

Súplica Cearense - Gordurinha e Nelinho

Viva meu Padim - Luiz Gonzaga e João Siva